

EVANGELHO

DOMINGO XXI DO TEMPO COMUM

EVANGELHO Mt 16, 13-20

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

Naquele tempo, Jesus foi para os lados de Cesareia de Filipe e perguntou aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que é o Filho do homem?». Eles responderam: «Uns dizem que é João Baptista, outros que é Elias, outros que é Jeremias ou algum dos profetas». Jesus perguntou: «E vós, quem dizeis que Eu sou?». Então, Simão Pedro tomou a palavra e disse: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo». Jesus respondeu-lhe: «Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne e o sangue que to revelaram, mas sim meu Pai que está nos Céus. Também Eu te digo: Tu és Pedro; sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus: tudo o que ligares na terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos Céus». Então, Jesus ordenou aos discípulos que não dissessem a ninguém que Ele era o Messias.

Palavra da Salvação.

MEDITAÇÃO

A FÉ DE PEDRO

O Evangelho proposto para a nossa meditação neste XXI domingo do tempo comum é o da Confissão Messiânica de Apóstolo São Pedro em Cesareia de Filipe.



Numa das Suas caminhadas com os discípulos, Jesus dirigiu-lhes duas perguntas: a primeira pedindo uma opinião geral - "quem dizem os homens que é o Filho do homem?"; a segunda dirigida aos Seus

discípulos - "e vós quem dizeis que Eu sou?" É um fato incontestável que muitas pessoas admiravam Jesus e algumas pessoas também odiavam a Sua presença. No entanto, Jesus foi associado a figuras importantes na história do povo, como João Batista, Elias, Jeremias, entre outros, como resposta à primeira pergunta. Perante a segunda pergunta, Pedro acertou a resposta; "Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo" (v.16). Depois desta profissão de fé, o Apóstolo Pedro recebe um nome significativo e uma missão exigente como fundamento e guia da Igreja na terra.

Vemos que na narração, Jesus utiliza três imagens ou símbolos ao falar da missão do Pedro à frente da sua comunidade:

Em primeiro lugar, Pedro será a rocha: a ideia da base sobre a qual se constrói uma casa, ou seja, a pedra para construção. É sobre esta fé professada por Pedro que Jesus vai construir a Sua Igreja para se manter sempre unida a Ele. Uma rocha (fé) que nenhuma força possa abalar, nem o vento nem a tempestade.

Em segundo lugar, aparece a imagem das chaves, que a primeira leitura também nos apresentou. Dar-te-ei as chaves do reino dos Céus (v.19ª): Pedro tem como cargo dirigir as entradas e negar o acesso. A sua missão é proteger as ovelhas dentro de redil.

Em último lugar, encontramos também a imagem do ligar e desligar que está intimamente ligada às chaves. A imagem que evoca proibir ou permitir em relação às interpretações da lei. Aí contempla-se o poder eclesial confiado a Pedro.

Somos convidados a construir a nossa vida (fé) sobre a rocha firme e forte para podermos sentir felizes e alegres. Se a fé é o combustível da vida cristã, então tem de ser de qualidade para ajudar o motor a funcionar bem.

Que Deus nos ajude a fortalecer a unidade entre todos os fiéis da Igreja com o Sumo Pontífice.

Pista de Reflexão

•Será que me sinto parte integrante da minha comunidade paroquial? Se sim, parabéns e continua! Se não, o que é que falta ou o que é que posso fazer para melhorar este relacionamento?

Votos de boas férias e uma boa semana para todos.

Pe. Andrew Prince

TEMÁTICA

A OPORTUNIDADE PARA CONSTRUIR ALGO DIFERENTE

A pandemia acentuou a difícil situação dos pobres e o grande desequilíbrio que reina no mundo. E o vírus, sem excluir ninguém, encontrou grandes desigualdades e discriminações no seu caminho devastador. E aumentou-as!

Portanto, a resposta à pandemia é dupla. Por um lado, é essencial encontrar uma cura para um pequeno, mas terrível vírus que põe o mundo inteiro de joelhos. Por outro, devemos curar um grande vírus, o da injustiça social, da desigualdade de oportunidades, da marginalização e da falta de proteção dos mais débeis. Nesta dupla resposta de cura há uma escolha que, segundo o Evangelho, não pode faltar: é a opção preferencial pelos pobres (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium* [EG], 195). E esta não é uma opção política; nem sequer uma opção ideológica, uma opção de partidos. A opção preferencial pelos pobres está no centro do Evangelho. E quem a fez primeiro foi Jesus; ouvimos isto no trecho da Carta aos Coríntios, lido no início. Ele, sendo rico, fez-se pobre para nos enriquecer. Fez-se um de nós e por isso, no centro do Evangelho, no centro do anúncio de Jesus, há esta opção.



O próprio Cristo, que é Deus, despojou-se, fazendo-se semelhante aos homens; e não escolheu uma vida de privilégio, mas escolheu a condição de servo (cf. Fl 2, 6-7). Aniquilou-se a si mesmo fazendo-se servo. Nasceu numa família humilde e trabalhou como artesão. No início da sua pregação, anunciou que no Reino de Deus os pobres são bem-aventurados (cf. Mt 5, 3; Lc 6, 20; EG, 197). Estava no meio dos doentes, dos pobres e dos excluídos, mostrando-lhes o amor misericordioso de Deus (cf. Catecismo da Igreja Católica, 2444). E muitas vezes foi julgado como homem impuro, porque cuidava dos doentes, dos leprosos, que segundo a lei da época, eram impuros. E Ele correu riscos por estar próximo dos pobres. Por esta razão, os seguidores de Jesus reconhecem-se pela sua proximidade aos pobres, aos pequeninos, aos doentes, aos presos, aos excluídos, aos esquecidos, a quantos não têm comida nem roupa (cf. Mt 25, 31-36; CIC, 2443). Podemos ler aquele famoso parâmetro sobre o qual todos seremos julgados, todos seremos julgados. É Mateus, capítulo 25. Este é um critério-chave de autenticidade cristã (cf. Gl 2, 10; EG, 195). Alguns pensam erradamente que este amor preferencial pelos pobres é uma tarefa para poucos, mas na realidade é a missão de toda a Igreja, dizia São João Paulo II (cf. Enc. *Sollicitudo rei socialis*, 42). «Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus para a libertação e promoção dos pobres» (EG, 187).

A fé, a esperança e o amor impulsionam-nos necessariamente para esta preferência pelos mais necessitados (cf. Congregação para a Doutrina da Fé, *Instrução sobre alguns aspetos da "Teologia da Libertação"*, [1984], n. 5), que vai além da assistência necessária (cf. EG, 198). Trata-se de caminhar juntos, deixando-se evangelizar por eles, que conhecem bem Cristo sofredor, deixando-nos "contagiar" pela sua experiência de salvação, sabedoria e criatividade (cf. *ibid.*). Partilhar com os pobres significa enriquecer-se uns aos outros. E se existem estruturas sociais doentes que lhes impedem de sonhar com o futuro, devemos trabalhar em conjunto para as curar, para as mudar (cf. *ibid.*, 195). A isto conduz o amor de Cristo, que nos amou até ao extremo (cf. Jo 13, 1) e chega inclusive aos confins, às margens, às fronteiras existenciais. Trazer as periferias para o centro significa centrar as nossas vidas em Cristo, que «se fez pobre» por nós, a fim de nos enriquecer «através da sua pobreza» (2 Cor 8, 9; cf. Bento XVI, *Discurso inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe* [13 de maio de 2007], n. 3).

Estamos todos preocupados com as consequências sociais da pandemia. Todos. Muitos querem regressar à normalidade e retomar as atividades

económicas. É claro, mas esta "normalidade" não deve incluir injustiça social e degradação ambiental. A pandemia é uma crise e não se sai iguais de uma crise: ou saímos melhores ou saímos piores. Nós deveríamos sair melhores, para resolver as injustiças sociais e a degradação ambiental. Hoje temos uma oportunidade de construir algo diferente. Por exemplo, podemos fazer crescer uma economia de desenvolvimento integral dos pobres e não de assistencialismo. Com isto não pretendo condenar a assistência, as obras de assistência são importantes. Pensemos no voluntariado, que é uma das estruturas mais bonitas que a Igreja italiana possui. Mas devemos ir além e resolver os problemas que nos estimulam a fazer assistência. Uma economia que não recorra a remédios que na realidade envenenam a sociedade, tais como rendimentos dissociados da criação de empregos dignos (cf. EG, 204). Este tipo de lucro é dissociado da economia real, aquela que deveria beneficiar as pessoas comuns (cf. Enc. *Laudato si'* [LS], 109), e é também por vezes indiferente aos danos infligidos à casa comum. A opção preferencial pelos pobres, esta necessidade ética e social que vem do amor de Deus (cf. LS, 158), dá-nos o estímulo para pensar e conceber uma economia onde as pessoas, especialmente as mais pobres, estejam no centro. E também nos encoraja a projetar o tratamento do vírus, privilegiando quem tem mais necessidade. Seria triste se na vacina contra a Covid-19 fosse dada a prioridade aos mais ricos! Seria triste se esta vacina se tornasse propriedade desta ou daquela nação e não fosse universal e para todos. E que escândalo seria se toda a assistência económica que estamos a observar - a maior parte dela com dinheiro público - se concentrasse no resgate das indústrias que não contribuem para a inclusão dos excluídos, para a promoção dos últimos, para o bem comum ou para o cuidado da criação (*ibid.*). Há critérios para escolher quais serão as indústrias que devem ser ajudadas: as que contribuem para a inclusão dos excluídos, para a promoção dos últimos, para o bem comum e para o cuidado da criação. Quatro critérios.

Se o vírus se voltar a intensificar num mundo injusto em relação aos pobres e aos vulneráveis, devemos mudar este mundo. Com o exemplo de Jesus, o médico do amor divino integral, isto é, da cura física, social e espiritual (cf. Jo 5, 6-9), - como era a cura que Jesus fazia - devemos agir agora, para curar as epidemias causadas por pequenos vírus invisíveis, e para curar as que são provocadas pelas grandes e visíveis injustiças sociais. Proponho que isto seja feito a partir do amor de Deus, colocando as periferias no centro e os últimos em primeiro lugar. Não esquecer aquele parâmetro sobre o qual seremos julgados, Mateus, capítulo 25. Ponhamo-lo em prática nesta retomada da epidemia. E a partir deste amor concreto, ancorado na esperança e fundado na fé, será possível um mundo mais saudável. Caso contrário, sairemos piores da crise. Que o Senhor nos ajude, nos conceda a força para sair melhores, respondendo às necessidades do mundo de hoje.

Papa Francisco, Audiência Geral, quarta-feira, 19 de agosto de 2020

AGENDA E AVISOS PAROQUIAIS

• ENCERRAMENTO PROVISÓRIO DO CARTÓRIO PAROQUIAL

O Cartório Paroquial continua fechado devido às obras paroquiais. Para qualquer assunto a tratar contacte o Pároco através dos contactos em www.paroquiadetiress.org

• PROJETO "AJUDE A SUA IGREJA:

IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE TIRES

IBAN: PT50 0035 0584 0001 906 603 093

COMUNIDADE DE SÃO JOSÉ DE CAPARIDE

IBAN: PT50 0033 0000 2228 005 228 992

• Uma família da nossa Paróquia procura uma casa ou apartamento para arrendar até ao valor de 350,00€ mensais. Os interessados podem contactar diretamente a família através do seguinte número: 96 733 88 79.